

ATÉ QUE PASSE UM FURACÃO

Até que passe um furacão

Margarita García Robayo

*Tradução de
Silvia Massimini Felix*



Blow, blow, thou winter wind...

William Shakespeare

As You Like It

Act II, scene VII

1

O lado bom e o lado ruim de morar de frente para o mar é exatamente o mesmo: o mundo acaba no horizonte, ou seja, o mundo nunca acaba. E a gente sempre espera muito. Primeiro a gente espera que tudo que está esperando algum dia chegue num barco, e quando se dá conta de que não vai chegar nada, percebe que é você que tem de ir procurar. Eu odiava minha cidade porque era muito bonita e ao mesmo tempo muito feia, e eu estava no meio. O meio era o pior lugar para estar: quase ninguém saía do meio, no meio viviam as pessoas sem salvação; no meio, você não era tão pobre a ponto de se resignar a ser pobre para sempre, então passava a vida tentando melhorar de condição e se redimir. Quando todas as tentativas falhavam — era o que costumava acontecer —, a autoconsciência desaparecia, e naquele ponto já estava tudo perdido. Minha família, por exemplo, não tinha autoconsciência. Eles tinham fórmulas para se esquivar, para olhar tudo de cima, de longe, no seu pedestal de fumaça. E em geral conseguiam.

Meu pai era um cara bastante inútil: passava o dia inteiro tentando resolver coisas insignificantes que lhe pareciam importantíssimas para que o mundo seguisse seu curso; coisas como fazer que nossos dois táxis rendessem mais e vigiar

para que os motoristas não o roubassem. Mas eles sempre o roubavam. Seu amigo Félix, que dirigia o furgãozinho de uma farmácia, vinha com os fuxicos: eu vi aquele parasita que dirige seu táxi... Onde? Lá na Santander, pra cima e pra baixo com uma putinha. Meu pai despedia e contratava motoristas dia sim, dia não, e isso lhe servia: primeiro, para que se sentisse poderoso; segundo, para que não pensasse em mais nada.

Minha mãe também estava sempre ocupada, mas com outras coisas: todos os dias se envolvia numa pequena conspiração familiar. Todos os dias, essa era sua fórmula. Minha mãe se levantava da cama e pegava o telefone, ligava para minha tia, ou meu tio, ou minha outra tia, e gritava e chorava e desejava-lhes a morte — a deles e a da sua maldita mãe, que era a mesma que a dela, minha avó; às vezes também ligava para minha avó, e gritava e chorava e desejava sua morte — a dela e a da sua maldita descendência. Minha mãe adorava falar a palavra “maldita”, dava-lhe uma sensação catártica e libertadora; embora ela nunca tivesse se expressado assim porque seu vocabulário era bem pobre. A terceira ligação do dia era para *don Héctor*, com quem ela era sempre muito gentil porque comprava fiado dele: Olá, *don Héctor*, como vai? Você podia me mandar uma fornada de pão e meia dúzia de ovos? E o rosto encharcado de lágrimas. Sua fórmula era igual à do meu pai: não deixar nem um burquinho de tempo morto que os fizesse olhar ao redor e se dar conta de onde estavam: num apartamento minúsculo de um bairro de classe média, atravessado por uma ponte pela qual circulavam várias vans.

Eu não era como eles, percebi muito rápido onde estava e aos sete anos já tinha certeza de que iria embora dali. Não sabia quando nem para onde. As pessoas me perguntavam: o que você quer ser quando crescer? E eu dizia: estrangeira. Meu irmão também sabia que iria embora e tomou as deci-

sões que melhor lhe convinham nesse sentido: abandonou o ensino médio e começou, com todo empenho, a puxar ferro na academia e a paquerar as gringas na praia. Porque, para ele, ir embora significava ser levado. Queria viver em Miami ou Nova York, não tinha muita certeza. Estudava inglês porque em ambas as cidades lhe seria útil. Em Miami menos, era o que dizia seu amigo Rafa, que tinha ido uma vez para lá, quando era bem pequeno. Eu gostava do Rafa porque ele tinha saído do país e isso me parecia meritório. Mas depois conheci o Gustavo, que não havia saído e sim chegado, e não apenas de um ou dois, mas de vários países.

Gustavo: o Gustavo era um cara que morava numa casa de frente para o mar. Ou melhor, num barraco. Do lado de fora do barraco havia uma cobertura feita com quatro estacas e uma lona impermeável; debaixo dessa cobertura: uma bancada de trabalho com um banco comprido, um sofá de dois lugares de madeira, uma rede. Meu pai comprava peixe dele aos domingos, e às vezes me levava. Além dos peixes, o Gustavo tinha um tanque com bichos enormes que ele mesmo criava: caranguejos, lagostas e até serpentes marinhas. Era argentino, ou italiano, de acordo com o dia. Na primeira vez que meu pai me levou ao seu barraco eu devia ter uns doze anos, e ele me disse: você quer que eu te ensine a escamar? A fazer o quê? A limpar os peixes. O Gustavo estava sentado de pernas abertas numa mureta que contornava o tanque, a bacia de peixes de um lado, no chão. Duas bacias: uma era para pôr os peixes já limpos. Eu me sentei igualzinho a ele, mas à sua frente, dando-lhe às costas; e ele pegou minhas mãos e me ensinou. Depois me acariciou lá embaixo com dois dedos: para cima, para baixo, para cima, para baixo, dizia, enquanto eu limpava os peixes com um facão afiado e ele desenhava uma linha vertical no meu botão de fuga — assim dizia a Charo, uma amiga da minha mãe, quando queria lhe contar uma fofoca que envolvesse a palavra “buceta” e

eu estava por perto. Enquanto o Gustavo fazia isso, meu pai estendia umas notas na bancada de trabalho, as vísceras e as tripas de peixe para fazer óleo embrulhadas num jornal.

Você viu o que o Gustavo fez?, perguntei a ele quando estávamos no táxi, voltando para casa. Meu pai dirigia devagar, estava tocando um bolero de Alcy Acosta. Ele te ensinou a limpar o peixe, disse. Sim, mas também... Também o quê? Deixa pra lá. E depois continuei indo à casa do Gustavo: às vezes sozinha, às vezes com meu pai, às vezes depois da escola, às vezes em substituição à escola.

Eu gostava do som das ondas. Aquele som tinha um nome. Tinha vários: há trinta e três maneiras de nomear o som das ondas, meu pai me dissera uma vez, enquanto dirigia. Mas depois não continuou, se distraiu olhando para o mar e eu não quis perturbá-lo.

Gustavo, você me leva pra Itália? Pra fazer o quê? Pra morar lá. Não. E pra Argentina? Pra quê? Pra morar também. Não.

E os dedos.

2

Um dia cheguei à escola, esperei que fizessem a chamada e fui embora. Eu costumava fazer isso com a Maritza Caballero, uma amiga que não morava mais na cidade, pois seu pai, que era um oficial da Marinha, tinha sido transferido para Medellín. Eu não entendia o que ele tinha ido fazer em Medellín, onde só havia montanhas. Os soldados da Marinha moravam em Manzanillo, num condomínio fechado na orla da baía, com casas pré-fabricadas que cheiravam a mofo por causa da umidade.

A água e a madeira não são boas amigas, a Maritza costumava falar da sua casa.

Então, naquele dia fizeram a chamada e eu saí, mas sem a Maritza. Saí da escola faltando quinze para as oito; estava com fome e tinha pouco dinheiro. Dei umas voltas pelo Centro, lotado de pessoas suadas indo trabalhar no tribunal ou sentadas na praça Bolívar para ler o jornal, embora no fim acabassem não lendo: dobravam-no em quatro e o usavam como leque. Fiquei sentada ali na praça e me cansei de olhar.

Quando a Maritza ainda morava lá, a gente sentava no muro e ficava olhando a avenida, o calçadão e, às nossas costas, o mar. Ela queria ser advogada e trabalhar no tribunal; eu dizia a mesma coisa, mas era mentira. Eu não queria ser

nada. A Maritza dizia que eu podia ser qualquer coisa porque ia bem na escola. Ela me olhava compenetrada, seu nariz muito perto do meu, nosso hálito aquecendo o rosto uma da outra. A Maritza tinha cabelos amarelos e olhos amarelos e a pele muito pálida. Eu não conhecia ninguém tão desbotado quanto ela.

Não fui albina por um cromossomo, era o que a Maritza dizia de si mesma.

Mas era bonita, especialmente à noite, porque de dia, sob o sol, suas veias eram muito aparentes. Uma porcelana rachada, é assim que me lembro do rosto dela.

Peguei um ônibus até a casa do Gustavo e o encontrei com o olhar perdido: quando estava assim, era porque naquele dia tinha de entregar um pedido fácil. Uma lagosta, por exemplo: bastava enfiar a mão no tanque e puxá-la para fora, enquanto ela mexia as pernas como uma enorme barata mutante; depois ela ia parar numa bolsa de gelo na qual, aos poucos, ia ficando rígida.

Faz um coquetelzinho pra mim, pedi a ele, e lhe estendi um saco de limões que eu tinha pegado de uma carroça perto do ponto, antes de entrar no ônibus. Só aí ele se virou e olhou para mim, estreitou os olhos e disse: hoje de manhã uma corrente de ar frio entrou pela fresta da porta e subiu pelos meus pés. A-hã. E ele continuou falando: isso me tirou da cama, então tomei um rum pra me aquecer e comi um pão velho que me deu cãibra no queixo de tão borrachudo que estava. E depois, o que você fez? Depois fui pescar, mas não peguei nada, o mar estava agitado. Sei.

Eram nove e meia.

O Gustavo descascou uns camarões e me mandou ir à cozinha pegar cebola, maionese e pimenta. A cozinha do barraco era imunda, o barraco inteiro era imundo e eu não gostava de entrar lá porque era escuro e fedorento. Eu disse que não queria mais nenhum coquetel. O quê? Não quero mais mer-

da nenhuma. E ele respondeu: vou lavar essa sua boca com água sanitária. Então, fui buscar o que estava faltando. Antes de entrar, tampei o nariz e mergulhei naquele ar espumoso e gorduroso. O Gustavo preparou um coquetel delicioso, tomei tudo de uma vez. Engoli o suco rosado que sobrou no fundo e minha boca ficou picante. Me acorda à uma, disse a ele. Fui dormir na rede.

No dia seguinte fiz a mesma coisa, mas cheguei sem limões, então fui na mesma hora para a rede. O Gustavo não prestou muita atenção em mim porque estava descascando uma montanha de camarões que ia enfiando numa geladeira de isopor com gelo. À tarde, tinha que entregar vários quilos para uma festa de quinze anos.

Me acorda à uma, eu disse, e fechei os olhos.

Demorei a adormecer: estava quente, o cheiro de sal penetrava ardido nas minhas narinas, minha pele parecia pegajosa.

Quando abri os olhos, encontrei os do Gustavo.

O que você está fazendo? Nada. Ele estava me esquadriando, sentado num banquinho em frente à rede. O sol entrava por um lado da cobertura onde a lona estava estendida e batia só num pedaço do seu rosto. Eu lhe disse que ele ia ficar queimado só de um lado, como uma máscara de Carnaval. Meu irmão tinha uma máscara de Carnaval que havia comprado em Barranquilla. Dia e noite, era o nome dela. Às vezes eu a usava, mas ficava grande demais em mim. O Gustavo saiu do banquinho e voltou para os camarões. Já é uma hora?, perguntei. Não. Que horas são? Onze e meia.

Da próxima vez que abri os olhos, o Gustavo não estava lá. As cascas de camarão tinham sido empilhadas na mesa, havia uma nuvem de moscas no ar e uma caminhonete de quatro portas na praia. Sentei-me na rede e olhei para o mar: um barco, um homem e uma rede de pesca, lá longe. Em algum lugar, um cachorro latia.

Depois de um tempo, o Gustavo saiu da caminhonete ajeitando o short. Atrás dele veio uma mulher arrumando o cabelo. O Gustavo pegou a geladeira de isopor e levou para a caminhonete. A mulher me disse: você já fez quinze anos? Não. Melhor. Por quê? E ela: porque nos últimos tempos as festas de quinze anos se tornaram bregas e coisa de pão-duro. Se for buffet, não servem frutos do mar nem por milagre; se for serviço de mesa, menos ainda. E o que eles servem? Servem um arroz com frango e uma salada russa lotada de cebola, e depois as meninas vão falar com os meninos com aquele hálito azedo, eca. A Melissa não, a Melissa vai ter uma baita de uma festa de quinze anos.

Melissa?

O Gustavo voltou, a mulher tirou algumas notas do decote e deu a ele. Vou servir com molho tártaro, disse ela, o que você acha? Ele pôs as notas na mesa, pensei que elas iam voar para longe. Acho que tem cara de vômito, disse ele.

3

Houve uma época em que o clima mudou. Chovia sempre, todos os dias. Isso era ruim para a terra porque se desgastava; ruim para o mar porque ficava agitado; ruim para a televisão porque o sinal se perdia. Restava o rádio. O rádio dizia que a cidade estava passando por uma temporada trágica: não na zona moderna, onde viviam os ricos, mas nos bairros que faziam fronteira com o Pântano de la Virgen que, como estava cheio de sujeira, transbordava. E as casas decrepitas afundavam na lama. Naqueles dias começaram a falar do Emissário Submarino, um tubo de ferro que tragava o lixo estagnado no pântano, levava-o para o mar e o cuspiam ali. Era a solução para todos os males da cidade. Ainda não estavam construindo porque não havia dinheiro, e não havia dinheiro porque tinham roubado. Quem tinha roubado? Ninguém conhecia, mas todos sabiam quem era. Na rádio diziam exatamente isso. Depois vinham os programas românticos: o top 10 das músicas alusivas à chuva.

Num daqueles dias, sonhei que o vento levava meu irmão e seu amigo Julián, que frequentava a academia com ele. Os dois iam abraçados, voando, com os dentes cerrados como quando faziam força, diante do espelho, para fortalecer os músculos. Eu os observava se elevarem até que não os via

mais. No dia seguinte, sonhei que o vento levava o quiosque do Willy, que vendia cerveja perto do barraco do Gustavo. O Willy me odiava porque um dia dei um chute na cabeça de um porco que cheirou meus pés. O porco correu assustado, guinchando como uma velha, e eu comecei a rir. O Willy ficou furioso: você é uma diaba, ele me disse. E eu lhe disse que ele era um filho da puta idiota. O Gustavo me agarrou pelo pulso e torceu meu braço; eu me soltei e fui embora, e não voltei durante muitos meses.

Hávamos chegado àquele quiosque meia hora antes, depois de uma longa caminhada na praia. Eu estava contando ao Gustavo da Maritza Caballero, que tinha me mandado uma carta de Medellín e uma foto dela na montanha: estava usando um moletom azul. Eu nunca tinha usado um moletom. Fiquei com sede e o Gustavo falou: vamos no quiosque do Willy. O Gustavo pediu uma cerveja Águila para ele e uma Coca-Cola para mim. Sentamos numas banquetas em frente ao balcão, e o Willy começou a falar de um cruzeiro de gringos que havia chegado. Disse que estava esperando a Brígida, que vinha de Palenque, para ir ao Centro vender coisas para os gringos: cervejas, rum, colares de *caracucha*. Você tem ostras, chefe? O Willy chamava o Gustavo de chefe só porque ele era branco e estrangeiro. O Gustavo nem lhe dava gorjeta e às vezes cuspiam no chão, e o Willy não parava de chamá-lo de chefe. Naquele dia, por outro lado, chegou um pescador negro, pediu uma cerveja e arrotou depois do primeiro gole. O Willy disse: sua mãe não te ensinou bons modos, nego imbecil?

A chuva foi ruim para a minha família também, porque o cano do esgoto que ficava perto de casa transbordou, as calçadas ficaram verdes e o ar, pestilento. Meu pai perdeu um táxi que ficou cheio de água até o motor e foi declarado como sucata. Então ele sentou todos nós à mesa e disse: agora somos pobres. E começou a chorar como uma criancinha.

Eu olhei ao redor. Meu irmão consultava toda hora o relógio, impaciente, pois ia ao cinema com o Julián e duas garotas que eles tinham descolado em La Escollera. Minha mãe dobrava algumas roupas, concentrada; ao seu lado havia uma cesta de vime cheia de cuecas desbotadas e meias amarradas numa única trouxa porque estavam sem par.

Ser pobre era exatamente igual a não ser pobre. Não havia com que se preocupar.